

CIDADE (IN)CORPORADA: COREOGRAFIAS DO COTIDIANO

EMBODIED CITY: CHOREOGRAPHIES OF EVERYDAY LIFE

Emika Takaki

Denise B. Pinheiro Machado

RESUMO: O movimento do corpo desenha no espaço urbano uma coreografia que corresponde ao ritmo da cidade. Cada movimento responde às informações do ambiente e às necessidades do corpo – há intenções, interesses, limites e fronteiras. Este trabalho teve como ponto de partida os seguintes questionamentos: *Como é a relação entre o corpo e a cidade? Como as pessoas se movimentam?* Assim, a presente pesquisa observou o movimento corporal em áreas centrais da cidade do Rio de Janeiro (Av. Rio Branco, Rua 7 de Setembro e Av. Chile), com o intuito de compreender como as pessoas se movimentam no espaço urbano e contribuir para pesquisas em projeto urbano.

PALAVRAS-CHAVE: Movimento corporal; cotidiano; corpo; cidade.

ABSTRACT: *The body movement draws in urban space a choreography corresponding to the city rhythm. Each movement responds to the environment and body needs – there are intentions, interests, limits and boundaries. This work starts with the following questions: How is the relationship between the body and the city? How people move in the city? Thus, the present study observed the body movement in downtown of Rio de Janeiro (at Av. Rio Branco, R. 7 de Setembro and Av. Chile), in order to understand how people move in urban areas and contribute to research in urban project.*

KEYWORDS: *Body movement; everyday life; body; city.*

INTRODUÇÃO

Da janela,¹ a rua. Pessoas caminham em zigue-zague, com percursos sinuosos, giros e pausa. O movimento dos corpos responde a uma métrica rítmica, interrompida por pausas e acordes, que aos poucos define a dinâmica urbana. Neste sentido, ao observar o movimento corporal, percebemos no cotidiano sociabilidades informadas pelos corpos – estas desenham uma arquitetura viva² quase que efêmera na cidade.

O constante diálogo que o corpo estabelece com a cidade é configurado pelo movimento corporal. Entretanto, o movimento corporal não é um simples deslocamento (de um ponto a outro) ou apenas motricidade. Cada movimento res-

1 Esta observação me remete ao último trabalho de Henri Lefebvre em sua obra póstuma intitulada *Rhythmanalysis* (2004) ao observar as ruas de Paris, retrata o ritmo da cidade através do som das ruas.

2 O teórico da Dança Rudolf Laban (1966) define o movimento como uma arquitetura viva.

ponde às informações do ambiente e às necessidades do corpo – há intenção, interesses, limites e fronteiras. Thornton (1971) explica que é através do movimento que aperfeiçoamos e expandimos nosso conhecimento do mundo.

A problemática do corpo está na ausência de experiência corporal e no vazio sensorial. Está em compreender como se dá a relação espacial entre o corpo e a cidade que, segundo Tschumi, limita-se na “exclusão do corpo e de sua experiência de todos os discursos sobre a lógica da forma” (1975, p. 573). Para Olivier Mongin (2009) as resistências corporais respondem a uma falta de lugar e de experiência urbana, assim, a condição urbana deve caminhar junto com a questão do corpo.

Este trabalho teve como ponto de partida os seguintes questionamentos: *Como é a relação entre o corpo e a cidade? Como as pessoas se movimentam?* E foi, em busca por respostas, que o movimento do corpo na cidade se tornou nosso principal objeto de estudo. Partimos da hipótese de que o movimento do corpo desenha no espaço urbano uma coreografia que responde ao ritmo da cidade. O movimento do corpo é, portanto, gerador de espaço. Neste sentido, observamos a cidade a partir dos fluxos e caminhos gerados pelo corpo, ou seja, a forma como o corpo produz e é cidade.

Assim, a presente pesquisa observou o movimento corporal em áreas centrais da cidade do Rio de Janeiro (Av. Rio Branco, Rua 7 de Setembro, Av. Chile), com o intuito de compreender como as pessoas se movimentam no espaço urbano e contribuir para pesquisas em projeto urbano. (figura 1)



Figura 1: Mapa Área de Estudo

A delimitação da área de estudo se deu de acordo com os seguintes aspectos, tais como: (1) espaço público, especificamente rua ou avenida localizada no centro urbano da cidade; (2) quantidade de circulação de pessoas e atores diferentes (que pudesse contemplar o maior número de atores); e (3) local que permita a observação do movimento corporal.

A metodologia aplicada utilizou observações diretas e filmagens, nas quais procuramos descrever como as pessoas se movem e se comportam no espaço urbano. Usamos imagens e vídeo para capturar a forma como o corpo se move no espaço urbano.

Adota-se como pressuposto o *corpo* que sente (MERLEAU-PONTY, 1994, 2006a, 2006b) e responde através de seus limites e fronteiras (GIL, 1997, 2004; DELEUZE, 2001; MERLEAU-PONTY, 1994); que entra em conflito e é confrontado o tempo todo. Pois, é através do movimento que o *corpo* se expressa e experimenta a cidade (LEFEBVRE, 1991a, 2004; LABAN, 1966). Movimento que não é um simples deslocamento espaço-tempo, mas sim, é intencional (MERLEAU-PONTY, 1994; LABAN).

CORPO-CIDADE

O corpo tem se tornado um objeto de estudo frequente em diversas áreas do conhecimento, onde se observa uma busca incansável para se entender o corpo sob muitos aspectos.³ Segundo Corbin *et al* (2008, p. 11, v. 1),⁴ o corpo mobiliza diversas ciências e “essa heterogeneidade é constitutiva do próprio objeto”.

De acordo com Greiner (2003), para definir o corpo o que importa são as mudanças na descrição do mapa corporal, que depende da forma como se lê ou examina o objeto de estudo. Corbin *et al* (2008, p. 8, v. 1) afirmam que há uma incerteza acerca do tema, sendo “preciso tornar mais complexa essa noção de corpo, mostrar o papel que nele desempenham as representações, as crenças, os efeitos de consciência”.

Já o filósofo português José Gil, em sua obra *Movimento total – corpo e dança*, coloca que “qualquer discurso sobre o corpo parece ter que enfrentar uma resistência”, pois “quanto mais sobre ele se fala, menos ele existe por si próprio” (1997, p. 13). Em sua afirmação, Gil coloca em questão um discurso sobre o corpo em sua dimensão total, onde o movimento e o corpo são inseparáveis.

3 Greiner afirma que “há fontes inesgotáveis de leituras do corpo no decorrer da história da humanidade. Tratados indianos nascidos há mais de 5000 anos já apresentavam investigações neste sentido, assim como na Grécia pré-socrática e em outras civilizações” (2003, p. 139).

4 Corbin *et al* falam sobre a História do Corpo, um estudo voltado para os vestígios do corpo na história.

As interrelações do corpo no espaço urbano podem ser observadas nas múltiplas manifestações de ser (e estar) na cidade. Para Thibaud o ambiente “é caracterizado pelo fato de que ele se relaciona diretamente à experiência e ao comportamento de pessoas na sua vida cotidiana” (2005, p. 207). Esta interface permite as trocas de informações, encontros e atividades; responsável pela construção de significados, memória e lugar.

A cidade é palco do fenômeno urbano, interface das práticas estabelecidas pelo corpo, configurada por um espaço-tempo numa estreita relação entre ritmos e planos. Plataforma e superfície onde, através do corpo, se experimenta a cidade. Esta relação se traduz numa linguagem que reúne significados e significantes. Segundo Mancini (2008), a cidade só tem nexos quando é significada no corpo e vice versa. Deste modo, a noção de cidade vai além do espaço físico para se tornar espacialmente sentido (significado) e praticado.

O trabalho do sociólogo Jean-Paul Thibaud propõe uma nova maneira de conceituar e de experimentar a cidade. Em seu estudo sobre o domínio sensível no espaço urbano, Thibaud apresenta o ambiente sensorial (que podemos ver, escutar, cheirar ou tocar), caracterizado pelo fato de que ele se relaciona diretamente à experiência e ao comportamento de pessoas na sua vida cotidiana, que podemos chamar de “ambiente sensorial” (THIBAUD, 2005, p. 207).

Segundo Andrade (1996, p. 292), numa cidade contemporânea em que o corpo é supervalorizado, sexualizado, sobrecarregado de sentido, a experiência sensorial tende a ser neutralizada, pacificada pela mobilidade e desqualificação do espaço.

Há uma *expectativa corporal* com relação ao espaço: os anseios, inquietações e desejos internos são carregados à superfície do corpo. Takahashi identifica que o desgaste dessa relação corpo-cidade “está no deslocamento da superfície da pele/corpo com a superfície das sensações” (2003, p. 149).

O sociólogo Richard Sennett, em sua obra *Carne e Pedra* (2001), traz à tona o espaço social que produz a própria cidade. Sennett (2001) coloca o *corpo* como referência para entender nossa relação com a cidade, através da história da cidade contada através da experiência corporal. Ao considerar tal problemática, Sennett observa que, na cidade contemporânea, a rua assume a identidade de mero espaço de circulação e movimentação, e neste aspecto perde o sentido de estar e de encontro da vida pública.

Segundo Borden *et al* (2001, p. 11), o corpo é um corpo de sabores e cheiros, de orientações esquerda-direita e de frente para trás, de ouvir e tocar, e resiste à tendência de espaço abstrato. Neste sentido, o corpo experimenta o espaço através do próprio corpo e em todos os sentidos, esta façanha permite mais consciência dos conflitos e do espaço do Outro.

A cidade entendida como experiência urbana é polissêmica. Mongin explica que a experiência urbana é: “um espaço público onde corpos se expõem e onde se pode inventar uma vida política pelo viés da deliberação, das liberdades e da reivindicação igualitária”. O autor coloca a cidade como espaço “singular” que torna possível uma experiência em vários registros e níveis de sentido – “um misto de mental e de físico, de imaginário e de espacial” (MONGIN, 2009, p. 30).

Neste sentido, Sennett apresenta as seguintes questões com relação ao corpo e ao ambiente: “Então, o que devolverá o corpo aos sentidos? O que poderá tornar as pessoas mais conscientes uma das outras, mais capacitadas a expressar fisicamente seus afetos?” (1994, p. 15).

QUANDO O ESPAÇO SE TORNA CORPO E O CORPO CIDADE

Olivier Mongin (2009) expõe reflexões sobre a cidade contemporânea e as relações corporais, faz críticas à cidade progressista que deixa as experiências corporais destituídas de sua vivência e significado. Segundo o autor, “a condição urbana” caminha junto com a questão do corpo e caracteriza o espaço como “um prolongamento do corpo” (2009, p. 245):

O corpo é uma primeira dobra que brinca de desdobrar e redobrar, o espaço público é uma segunda dobra que também brinca com esse duplo movimento de dilatação e de contração. Mas o espaço público exige que um espaço urbano tenha uma forma, que um lugar tome forma para um corpo. Colocar em forma e colocar em cena são experiências simultâneas. (MONGIN, 2009, p. 245)

É neste movimento de dilatação e contração que as pessoas interagem no ambiente urbano. Como num processo de simbiose, a cidade faz parte do corpo e o corpo também é cidade. Quando Mongin (2009) fala sobre a forma significa que a configuração do espaço urbano deve dialogar com o corpo, de forma que “o corpo não pode se retrair num isolamento” (2009, p. 245), mas que coloque em primeiro plano a experiência e sentido.

Para a antropóloga Setha Low,⁵ o espaço é incorporado⁶ e explica que é o local onde a experiência humana e a consciência assumem uma forma material e espacial. Este espaço incorporado ressalta a importância do corpo como uma

5 Na antropologia, a análise espacial muitas vezes negligencia o corpo devido à dificuldade de resolver o dualismo do corpo subjetivo e objetivo e distinções entre os aspectos materiais e de representação do espaço do corpo (LOW, 2003, p. 10).

6 Setha Low utiliza o termo *embodied*, que traduzimos como *incorporado*.

entidade física e biológica, uma experiência vivida, um local para falar e agir sobre o mundo.

Borden *et al.* (2001) observa que Lefebvre expõe o corpo humano como um local, de autoapropriação e adaptação. O corpo une o tempo cíclico e linear, necessidade e desejo, gestos e manipulações de ferramentas. Esta é uma recuperação do corpo abandonado na filosofia ocidental, através de práticas e representações espaciais.

Para Lefebvre (1991), o corpo serve tanto como ponto de partida como destino. Simonsen explica que cada corpo vivido “é espaço e tem seu espaço” e, ao mesmo tempo, “produz espaço” (2005, p. 4). A formulação de Lefebvre para a produção do espaço está relacionada a uma tríade de práticas espaciais, representações do espaço, e espaços de representação. É, portanto, o corpo que ajuda a tornar essa tríade concreta, pois:

O corpo é particularmente útil para a reflexão sobre a tríade do percebido, concebido e vivido: práticas espaciais (percebido) pressupõem o uso do corpo, mãos, órgãos sensoriais e gestos – as bases práticas da percepção do mundo exterior; representações de espaço (concebido) incluem representações do corpo, derivado do conhecimento científico e anatômicas, e as relações com a natureza e os espaços de representação (experiência vivida) incluem corpos imbuídos de cultura e simbolismo. (BORDEN *et al.*, 2001, p. 11)

Segundo Lefebvre, teorizar o corpo envolve inevitavelmente nas implicações do corpo e constituição sensório-sensual-espacial. O corpo, como experiência vivida, constitui um domínio prático-sensorial em que o espaço é percebido através de cheiros, sabores, tato, visão e audição. Segundo Simonsen (2005, p. 4), enquanto o ambiente externo é percebido através de um duplo processo de orientação e demarcação, a orientação, de alguma forma, reproduz a estrutura do próprio corpo, projetando-se em pares determinantes, tais como direita e esquerda, simetria e assimetrias, axial e plano ou centro e periferia. A demarcação acrescenta pares a esses rastros e marcas que são práticas e simbólicas – indicações que não só funcionam como orientação para o mundo, mas como um modo de torná-lo significativo.

Segundo Lefebvre (1991, p. 195), o corpo concebido, produzido e como produção do espaço, é imediatamente sujeito às determinantes desse espaço. No qual o caráter espacial do corpo deriva do espaço, da energia que é implantada e utilizada.

O corpo, segundo Tschumi, é o “único juiz competente” que pode declarar sobre a adequação espacial, pois é o “ponto de partida e ponto de chegada da arquitetura” (2008, p. 180). Para o teórico a possibilidade poética da arquitetura inscrita em “seus sólidos e vazios, em suas sequências espaciais, articulações e colisões” (TSCHUMI, 2008, p. 180) – ressalta o aspecto coreográfico da experiência

corporal. Tal como Laban (1966), Bernard Tschumi considera o movimento dos corpos como geradores de espaço, “os corpos não somente se movem para o seu interior, mas produzem espaços por meio e através de seus movimentos” (2008, p. 181). Com efeito, Tschumi esclarece que:

Distinções podem ser estabelecidas entre espaços mentais, físicos e sociais, ou dito de outra forma, entre a linguagem, a matéria e o corpo. É certo que essas distinções são esquemáticas e, embora correspondam a categorias de análise reais e convenientes (“o concebido”, “o percebido”, “o vivenciado”), levam a diferentes abordagens e diferentes modos de notação arquitetônica. (TSCHUMI, 2008, p. 181)

Segundo Bernard Tschumi, a articulação entre o espaço dos sentidos e o espaço da sociedade se dá através das “danças e os gestos que combinam a representação do espaço e o espaço de representação”, através do movimento e circulação de pessoas (TSCHUMI, 2008, p. 181). O corpo torna-se espaço a partir da experiência, pois é através do nosso corpo que experimentamos, percebemos, sentimos, comunicamos e nos relacionamos com o mundo exterior.

COREOGRAFIAS DO COTIDIANO: PERCURSOS, VETORES, DIREÇÃO

A partir das observações diretas e filmagens foi possível definir as trajetórias dos corpos, orientação e direção do movimento. A utilização de narrativas foi importante para a observação empírica, formuladas sob o ponto de vista *in media res* permitiram a compreensão do movimento dos corpos como produção do Lugar.

As sequências a seguir descrevem os fragmentos das observações diretas e das filmagens. Quase um quadro por segundo (*frames per second*) com práticas do cotidiano impressas em cada movimento corporal – as ações, os percursos e os gestos. A cada instante, uma nova história se constrói e produz a cidade.

AVENIDA RIO BRANCO

Em frente ao edifício Avenida Central, pessoas caminham apressadamente. A presença de vendedores informais pontuam e interrompem as trajetórias dos passantes. Em direção ao edifício da Caixa Econômica Federal (sentido sul), os transeuntes percorrem a lateral do edifício e quase não há mudança postural (movimento de cabeça, giros e pausas). As pessoas caminham quase sem interagir com o ambiente.

Dia 7 de junho de 2012, às duas horas da tarde, um homem atravessa a avenida Rio Branco em direção à estação de metrô Carioca (figura 2). Sua trajetória retilínea é interrompida ao desviar-se de um entregador de panfletos. Faz um gesto contido com a mão esquerda e desvia-se mais uma vez. Continua seu percurso em direção à estação de metrô Carioca.



Figura 2: Avenida Rio Branco
Fonte: Autor (2012)

Logo em seguida, na avenida Rio Branco, um homem atravessa a rua em direção ao edifício Avenida Central. Caminha rapidamente, desvia-se de alguns vendedores informais e mantém seu ritmo acelerado. Em seu percurso, praticamente não olha para as fachadas dos prédios, parece saber exatamente seu percurso e destino. Até que se dirige ao edifício Avenida Central.

Dia 8 de junho, às três horas da tarde, uma mulher sai da estação do metro. Olha para os dois lados e segue em direção à avenida Rio Branco. Caminha apressadamente e atravessa a rua em direção à rua da Ajuda. Seu movimento contínuo se altera na esquina entre a avenida Rio Branco e a rua da Ajuda. Ao se aproximar das lojas, observa por alguns instantes as vitrines, mexe em seu cabelo e retoma seu percurso em direção à avenida Rio Branco.

RUA 7 DE SETEMBRO

Dia 13 de junho de 2012, às duas horas da tarde um homem de paletó anda rapidamente na rua Sete de Setembro. Com pouca mudança postural, aproximou-se de uma banca de Revistas, comprou jornal e retornou ao seu percurso até entrar num edifício empresarial (figura 3). Na esquina da rua Sete de Setembro às três horas, uma mulher caminha em direção à avenida Rio Branco. Em seu trajeto, desvia-se de pessoas que estavam no canteiro central e se aproxima da vitrine de uma loja.



Figura 3: Rua Sete de Setembro
Fonte: Autor (2012)

AV. REPÚBLICA DO CHILE

Dia 18 de julho, às 14 horas, um homem caminha na Avenida República do Chile. Observa os prédios em sua volta e segue em direção à Avenida República do Paraguai. Seus passos rápidos são interrompidos por pessoas no ponto de ônibus (lado esquerdo), desvia-se de um vendedor informal e retorna à sua trajetória inicial (figura 4).

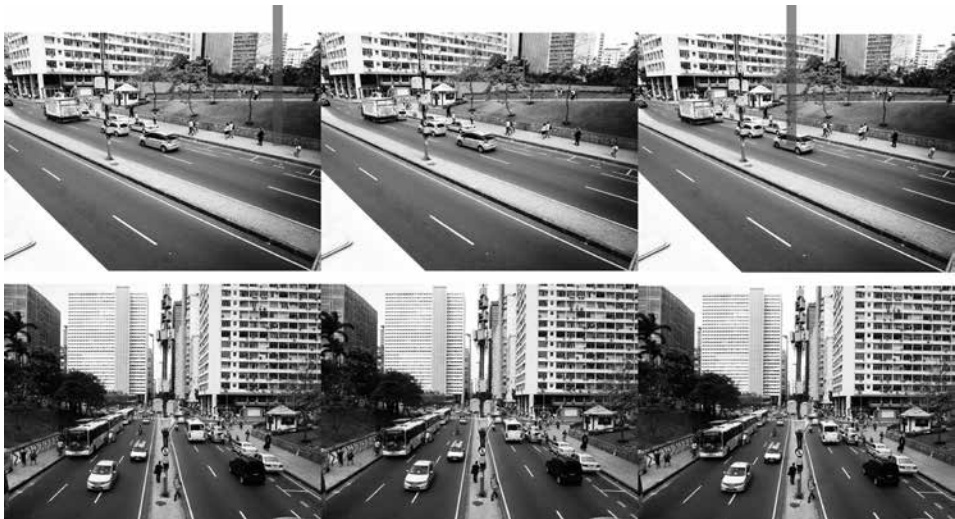


Figura 4: Avenida República do Chile
Fonte: Autor (2012)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pessoas caminham e percorrem a cidade em passos que moldam o espaço. O som das pessoas formam acordes e notas quiálteras,⁷ onde o ritmo e movimento dos corpos preenchem e transformam o espaço urbano com uma métrica que aos poucos revela a experiência cotidiana.

A forma como as pessoas se movem na cidade e dela se apropriam configura um sistema de fluxos correspondente à dinâmica urbana. O movimento corporal transborda numa experiência sensorial, essencialmente urbana (cor, som, cheiros, pessoas, cidade).

7 Segundo Alves (2005), quiáltera é um grupo de figuras (notas musicais) que não obedece à subdivisão normal do tempo ou do compasso.

Adotamos a premissa de que o movimento do corpo é mais do que um simples deslocamento e, sim, pensamento e sentimento. O corpo em movimento atravessa o espaço, tece diálogos e percorre a cidade de tal forma que constrói suas práticas cotidianas e experiências corporais. É no caminhar que o corpo se insere na cidade e é espaço. Nesta perspectiva, através da experiência corporal é possível sentir e experimentar o espaço urbano. Pois o corpo é o ponto de alianças e conflitos com a cidade e o movimento corporal traduz e produz espaço.

Estudos sobre o movimento do corpo na cidade estão relacionados com a experiência sensorial no espaço. Pois o movimento é considerado uma característica da atividade humana e um denominador comum na experiência, ou seja, quando caminhamos na cidade percebemos e interagimos com o espaço – reforçando, assim, nossas relações com os lugares.

O corpo estabelece uma relação de coexistência com a cidade. Nessa dualidade entre afetar e ser afetado, o movimento humano é uma arquitetura viva, onde as trajetórias corporais moldam na cidade um sistema de fluxos que cria e recria espaços. A importância dessa pesquisa consistiu em observar e compreender o movimento do corpo em áreas centrais da cidade do Rio de Janeiro com o intuito de contribuir para a geração de instrumentos voltados para a interpretação do movimento corporal no espaço urbano.

A urgência do corpo traz para o debate os significados dessa experiência corporal na cidade. Acreditamos que o movimento corporal pode nos dar respostas e significados sobre a cidade, pois o movimento do corpo desenha no espaço o ritmo da cidade, seja este um espaço de passagem, lazer, convívio, conexão e permanência. Assim, os fluxos e caminhos gerados pelo corpo configuram o espaço e são cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Luciano. *Teoria musical: lições essenciais: sessenta e três lições com questionários, exercícios e pequenos solfejos*. São Paulo: Irmãos Vitale, 2005.
- ANDRADE, Margarida Maria de. Prática do espaço, experiência do corpo: Sennett e a cidade. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. V. 4, p. 291-208, jan/dez. 1996.
- BORDEN, Ian *et al.* *The unknown city: contesting architecture and social space*. Cambridge, MA: MIT Press, 2001.
- CORBIN, Alain; VIGARELLO, Georges; COURTINE, Jean-Jacques. *A história do corpo*. Trad. João B. Kreunch, Jaime Clapen. Petrópolis: Vozes, 2008.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, F. *Mil platôs Volume 1: Capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

- DELEUZE, Gilles. *Espinosa: filosofia prática*. Trad. Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Editora Escuta, 2002.
- GIL, José. *Metamorfoses do corpo*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1997.
- _____. *Movimento total, o corpo e a dança*. São Paulo: Iluminuras, 2004.
- GREINER, Christine. Apresentação: Da cozinha de Deus às membranas virtuais do homem. In: GREINER, Christine; AMORIM, Claudia (org.) *Leituras do corpo*. São Paulo: Annablume, 2003.
- _____. *O corpo, pistas para estudos indisciplinados*. São Paulo: Annablume, 2005.
- LABAN, Rudolf. *Choreutics*. Annotated and edited by Lisa Ullmann. London: MacDonald and Evans, 1966.
- _____. *O domínio do movimento*. Org. Lisa Ullmann, Anna Maria Barros de Becchi e Maria Sílvia Mourat Netto. São Paulo: Summus, 1978.
- LEFEBVRE, Henri. *The production of space*. Oxford: Blackwell, 1991a.
- _____. *A vida cotidiana no mundo moderno*. Trad. Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991b.
- _____. *Rhythmanalysis. Space, time and everyday life*. Trad.: S. Elden & G. Moore. London: Continuum, 2004.
- LOW, Setha M. Embodied Space(s): Anthropological Theories of Body, Space, and Culture. In: *Space and Culture*, vol. 6, n. 1, 2003, p. 9-18.
- MANCINI, Bianca Scliar. Dançar afetos com a cidade: Pina Bausch, Tanztheater Wuppertal e Istambul. In: *Corporografias Urbanas Sessão Temática: ST3*, 2008.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- _____. *A estrutura do comportamento: precedido de uma filosofia da ambiguidade de Alphonse de Waelhens*; trad. Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.
- _____. *A natureza: curso do Collège de France; texto estabelecido e anotado por Dominique Séglard*; trad. Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.
- MONGIN, Olivier. *A condição urbana: a cidade na era da globalização*. Trad. Letícia Martins de Andrade. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- SENNETT, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Trad. Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.
- SIMONSEN, Kirsten. Bodies, sensations, space and time: the contribution of Henri Lefebvre. *Geografiska Annaler, Series B, Human Geography*, v. 87, n. 1, p. 1-14, 2005.
- TAKAHASHI, Jo. Dimensões do corpo contemporâneo: vetores relacionais entre o corpo e a paisagem. In: GREINER, Christine; AMORIM, Claudia (org.) *Leituras do corpo*. São Paulo: Annablume, 2003.
- THORNTON, Samuel. *A movement perspective of Rudolf Laban*. London: Macdonald & Evans, 1971.

- TSCHUMI, Bernard. Arquitetura e limites II. In: NESBITT, Kate (org.). *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*. São Paulo: Cosac Naify, 2. ed. 2008. [original de Bernard Tschumi, "Questions of Space", *Studio International* 190, n. 977, set-out. p. 136-142, 1975.]
- THIBAUD, Jean-Paul. Psicologia ambiental e política ambiental: estratégias para a construção do futuro. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 16, n. 1-2, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em: 10 outubro de 2007.

Recebido em 30.04.2013

Aceito em 25.11.2013